



“A CARIDADE VAI ALÉM DA SOCIABILIDADE”

Em encontro com agentes da Pastoral Sociocaritativa, o Cardeal-Patriarca de Lisboa aprofundou a Mensagem do Papa para a Quaresma, destacando que a caridade “vai mais longe” porque “é impulsionada pelo Espírito divino”. **pág.02**

Destaque

CÁRITAS

Entrevista

“PESSOAS MAIS ATENTAS AO QUE SE PASSA PERTO DE SI”

A nova presidente da Cáritas Portuguesa considera que a pandemia deve levar a uma maior atenção ao outro. “Aquilo que espero que não aconteça é que as pessoas se virem para dentro”, deseja Rita Valadas, em entrevista ao Jornal VOZ DA VERDADE. **pág.06**

FOMI
PART
SOL
E



Presidente da República anuncia a “firme intenção” do Papa em estar na JMJ Lisboa 2023 | **pág.05**

Jovem testemunha a Missão País 2021 **pág.08**

Papa Francisco: “Também eu me ajoelho nas ruas de Myanmar” **pág.09**

Jovens ‘encontram-se’ este Domingo com o Cardeal-Patriarca para a JDJ

Uma catequese do itinerário ‘Rise Up’ com o Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente, por Zoom. É esta a proposta do Serviço da Juventude para a Jornada Diocesana da Juventude (JDJ), que decorre neste Domingo V da Quaresma, 21 de março, online, devido à pandemia, das 15h00 às 17h00. A organização deseja que este momento seja “dinâmico e interativo, com música, grupos de partilha e oração”. “Com esta tarde, procuramos que os jovens de toda a diocese se encontrem uns com os outros e que, todos juntos, nos encontremos com o Senhor Patriarca”, ambiciona a nota.

Os jovens foram ainda convidados a participar na campanha #rememberjdj, que desafia ao envio de fotos e vídeos de JDJ’s antigas, para a equipa do Serviço da Juventude (juventude@patriarcado-lisboa.pt), que as vai partilhar nas suas redes sociais.



Igreja congratula-se com veto da lei da eutanásia e do suicídio assistido

A Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) congratulou-se “com a deliberação do Tribunal Constitucional, que declara inconstitucional a lei da Assembleia da República que aprova a eutanásia e o suicídio assistido”, que tinha sido remetida pelo Presidente da República para fiscalização preventiva. Numa breve nota, assinada pelo secretário e porta-voz da CEP, padre Manuel Barbosa, é referido que o organismo “reafirma a posição assumida pela Igreja em todo este processo, defendendo sempre que a vida humana é inviolável”. “Qualquer legalização da eutanásia e do suicídio assistido é sempre contrária à afirmação da dignidade da pessoa humana e à Constituição da República Portuguesa”, garante o texto. Também a Associação dos Juristas Católicos e a Associação dos Médicos Católicos Portugueses se congratularam com a deliberação do Tribunal Constitucional, conhecida a 15 de março. “Não vislumbramos como uma qualquer outra formulação de uma lei de legalização da eutanásia e do suicídio assistido possa satisfazer as exigências de certeza jurídica decorrentes dos princípios da legalidade e da tipicidade criminais”, apontam.

‘Reflexão Quaresmal’ do Cardeal-Patriarca de Lisboa com as IPSS

“A CARIDADE É UMA SOCIABILIDADE DIVINA”

Páscoa, conversão, inteligência, ressurreição, esperança e caridade. São estas as seis palavras-chave da Mensagem do Papa Francisco para a Quaresma, segundo referiu o Cardeal-Patriarca de Lisboa aos agentes da Pastoral Sociocaritativa, durante uma formação online. D. Manuel Clemente considerou que estes termos “podem, certamente, ajudar muito” as atividades das instituições, e lembrou ainda a recente visita do Papa Francisco ao Iraque como expressão de uma “caridade ativa”.

texto por Diogo Paiva Brandão



A Mensagem do Papa para a Quaresma surge “no rescaldo dum belíssimo exemplo do que é a caridade ativa”, como foi “a visita do Papa Francisco ao Iraque”, recordou o Cardeal-Patriarca aos membros de diversas instituições e grupos caritativos. “Como sabem, o Iraque foi uma das zonas do mundo mais atingidas por variadíssimos conflitos – aliás, há muito tempo –, mas nas últimas décadas terríveis, que quase dizimaram a população cristã que lá sobrevivia há dois milénios. São os cristãos mais antigos, alguns falam mesmo a língua de Jesus, o aramaico, e foram tão atingidos por conflitos com os quais não tinham nada a ver diretamente, tendo sido as primeiras vítimas de todos os fanatismos e terrorismos que lá se desencadearam”, apontou. Num encontro via Zoom, na manhã do passado dia 12 de março, perante mais de 200 agentes da Pastoral Social, D.

Manuel Clemente lembrou “o risco”, mas também “o exemplo” que Francisco deu ao visitar a terra de Abraão. “A viagem ao Iraque é um ótimo exemplo do que é a caridade, com este impulso de ir ao encontro dos outros, como filho de Deus e irmão universal, até de pessoas que não compartilham a nossa fé”, acrescentou.

Páscoa, conversão e inteligência

O Cardeal-Patriarca de Lisboa fez então uma ‘Reflexão Quaresmal’ na sessão formativa sobre ‘Avaliação de Desempenho’, destinada às Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS), que foi promovida pela Federação Solicitudude e pelo Departamento da Pastoral Sociocaritativa do Patriarcado, tendo como pano de fundo a Mensagem do Papa para a Quaresma, que é “particularmente tocante, mobilizadora e bastante in-

cisiva, e também quaresmal”, sublinhou. Neste sentido, deteve-se em seis palavras-chave. Desde logo, a primeira, “a palavra Páscoa”, ou, “como o Papa diz, a Paixão, a morte e a Ressurreição de Jesus”. “O Papa diz que a Páscoa existe para compreendermos e nos associarmos à missão de Cristo, e esta é uma boa altura para isso”, explicou D. Manuel Clemente, reforçando que “Deus vem ao nosso encontro onde nós precisamos de ser encontrados, na vida, na vida humana, no que ela tem de dramático e de tragédia”. “É no drama e na tragédia da vida humana que Deus nos encontra. Isso é que é compreender o porquê da missão de Cristo. Porque se Ele é o Emanuel – uma palavra que significa Deus conosco – tem que ser Deus conosco onde nós estamos”, sublinhou. “O que aprendemos com Jesus Cristo é que Deus está agora na nossa humanidade, como esteve n’Ele e como se alarga em

todos. Onde a vida de Jesus se repercute, está Deus”, concluiu, a propósito da primeira palavra-chave, Páscoa.

A segunda palavra da mensagem quaresmal de Francisco que foi destacada por D. Manuel Clemente é “conversão”. “O Papa escreve que jejum, oração e esmola são condição e expressão da nossa conversão”, apontou, convidando a “uma vida de oração”. “Não há nada em Jesus que não aconteça na sua ligação ao Pai – a sua constante ligação ao Pai é o segredo de Jesus”, explicou, frisando ainda que “o jejum é a privação do supérfluo – e por vezes até de algo essencial – para poder estar mais disponível e liberto de apetites imediatos e exercitar o apetite absoluto, que é o de Deus”, e que “a esmola é a face ativa do jejum que fazemos, porque aquilo que privamos é aquilo que oferecemos, aquilo que distribuímos para que este mundo seja de todos e para todos”. “No fundo, conversão é passarmos a ver as coisas não como nós as vemos, habitualmente, mas vê-las a partir de Deus. Em cada circunstância, perguntar: ‘Como é que Jesus agiria?’ É uma conversão permanente que temos que fazer, em cada minuto, na vida pessoal, na vida familiar, na vida das instituições, na vida da Igreja”, resumiu.

Como terceiro termo o Cardeal-Patriarca apontou a “inteligência”. “Diz o Papa que temos que ter uma inteligência do coração para captar a verdade de Cristo. É uma inteligência do coração que nasce da adesão à própria realidade de Cristo, na sua vida, na sua Palavra, como Ele se apresenta e como Ele nos seduz”, referiu, manifestando que “não é uma força exterior que nos faz estar aqui, é uma força do coração”.

Ressurreição, esperança e caridade

Quarta palavra: “Ressurreição”. “Nesta mensagem do Papa, a ressurreição é apresentada nos seguintes termos: a ressurreição de Jesus Cristo abre-nos um futuro, de par em par, pela misericórdia do Pai. Aqui não posso deixar de



O CONVITE A LER A CARTA SOBRE SÃO JOSÉ

O Cardeal-Patriarca de Lisboa convidou “todos” a “lerem a magnífica carta” sobre São José, intitulada ‘Patris corde’, do Papa Francisco, como “bom e sugestivo exercício quaresmal”. “Como sabemos, o Papa Francisco insiste muito nesta figura de São José na vida da Igreja e eu convido a todos a lerem a magnífica carta sobre São José. É uma carta belíssima, e para todos nós, que estamos diretamente ligados à ação sociocaritativa da Igreja, dá muitíssima inspiração acerca da atitude que, com José, havemos de tomar em relação a todos, como ele tomou em relação a Cristo e a Maria”, desafiou D. Manuel Clemente, na oração inicial deste encontro com as IPSS.

evocar a parábola do pai misericordioso, também chamada do filho pródigo. Porque foi exatamente assim que Jesus quis falar da misericórdia de Deus”, salientou. Neste sentido, “misericórdia é ter o coração no que é pequeno, no que é mísero, frágil”. “Esse é o coração do Pai, como Jesus o revela”, observou. “Entramos na festa de Deus, nesta misericórdia ativa para com tudo e para com todos?”, questionou.

A quinta palavra sobre a qual o Cardeal-Patriarca se deteve foi “esperança”. “A esperança, como lembrou o Papa Bento XVI, na encíclica ‘Spe salvi’, tem, no número dois, uma definição de esperança muito interessante e numa linguagem muito atual: a esperança é uma virtude performativa – ou seja, realiza aquilo que enuncia –, que quanto mais se pratica, mais cresce”, partilhou, destacando novamente a mensagem de Francisco para esta Quaresma: “Diz o Papa que para dar esperança precisamos de três alíneas ativas: uma amabilidade atenta; um sorriso estimulante; e sermos nós próprios um espaço de escuta para os outros”.

“Caridade” foi a sexta e última palavra destacada por D. Manuel Clemente. “O social é uma dimensão humana, mas a caridade não é apenas este sentimento, é

uma sociabilidade divina, é um impulso divino”, exprimiu, garantindo que “a caridade vai além da sociabilidade”. “Mesmo onde a sociabilidade ficaria a meio caminho, o caritativo vai mais longe e até impulsiona quando nós, só por nós, se calhar nem começaríamos já. Porque a caridade é impulsionada pelo Espírito divino”, alertou. Neste sentido, explicou que o Papa Francisco dá duas características à palavra caridade: “A alegria pelo crescimento do outro, seja o outro quem for, porque essa é que toca na própria caridade divina, que não dispensa ninguém; e também a partilha e a comunhão”.

Para o Cardeal-Patriarca, estas seis palavras-chave “podem ajudar muito” as instituições. “Estas seis palavras, que vos proponho para rerelem na Mensagem do Papa para a Quaresma, podem certamente ajudar-vos muito, como me ajudam a mim, não só em termos pessoais, mas também em termos das atividades em que nos vamos envolvendo e que os meus amigos, com tanta generosidade, levam por diante em tantas e tantas instituições”, destacou D. Manuel Clemente, neste encontro de Quaresma que reuniu os membros de diversas instituições e grupos caritativos da diocese.



PATRIARCADO DE LISBOA CONVIDA AGENTES PARA CONGRESSO DA CARIDADE

O diretor do Departamento da Pastoral Sociocaritativa do Patriarcado de Lisboa convidou os agentes desta pastoral a “colocarem na agenda o dia 15 de maio”, data do Congresso da Caridade. “Ainda não sabemos se teremos a presença das instituições ou se será por Zoom, está dependente da pandemia, mas vamos seguramente fazer o congresso”, garantiu Manuel Girão, revelando ainda que em breve será divulgado o programa. “Apelo à vossa participação. Se não for possível em presença – o que era muito bom, se pudéssemos estar todos juntos –, que estejamos assim, desta forma”, frisou. Presente nesta formação com as IPSS, este responsável tinha começado a sua intervenção por “agradecer ao senhor Patriarca a confiança” para o cargo, que disse ser “uma enorme responsabilidade”. “Foi com sentido de missão que aceitei este desafio”, observou. “Mais do que um diretor, tenho dito à equipa que está comigo que pretendo ser um mediador e um facilitador naquilo que for possível no desempenho desta missão. Pretendemos ajudar as instituições da Pastoral Social”, acrescentou. Ao cônego Francisco Crespo, seu antecessor, Manuel Girão enalteceu a “ajuda preciosa na transição”. “Conto com todos nesta missão”, terminou.

Na abertura desta formação, o presidente da Federação Solicitudade, José António Parente, deu “as boas-vindas” ao novo diretor do Departamento da Pastoral Sociocaritativa do Patriarcado de Lisboa, garantindo que “pode contar” com as instituições, e deixou ainda uma “palavra de grande agradecimento e reconhecimento” ao cônego Francisco Crespo por “todos os anos de dedicação e entrega” a este serviço diocesano.



“CRIAR UM MODELO DE ACOMPANHAMENTO NA AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO”

O presidente da Federação Solicitudade faz “um balanço extremamente positivo” da sessão formativa online sobre ‘Avaliação de Desempenho’, destinada às Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS), que contou com 243 inscritos. “Tivemos dirigentes, profissionais e também voluntários de cerca e 70 instituições – algumas associadas na Federação Solicitudade, outras não –, e organizámos a formação com base nas solicitações anteriores que as instituições têm demonstrado acerca da necessidade de abordarmos diversas temáticas, e neste caso concreto a ‘Avaliação de Desempenho’, que é algo que nos tem sido exigido, no sentido também de haver uma coerência e um caminho interno, dentro das instituições, no sentido de corresponder à missão e aos objetivos de cada uma”, explica José António Parente, ao Jornal VOZ DA VERDADE.

Esta sessão formativa sobre ‘Avaliação de Desempenho’ foi promovida pela Federação Solicitudade e pelo Departamento da Pastoral Sociocaritativa do Patriarcado, na manhã do passado dia 12 de março. “Ficou este compromisso de agora mantermos esta relação entre as instituições e a federação, no que diz respeito a criarmos um modelo de acompanhamento na avaliação de desempenho. Vamos fazer um acompanhamento mais direto junto das instituições, acerca deste tema”, revela o presidente da Federação Solicitudade, que enalteceu ainda a “habitual presença” do Cardeal-Patriarca, D. Manuel Clemente, nestes encontros.





Guilherme d'Oliveira Martins Chamados à primeira linha...



Ao visitar o Iraque, o Papa Francisco contribuiu decisivamente para que se abram caminhos para um movimento corajoso no sentido de um diálogo entre religiões e povos, que conduza os governantes da região a delinear a sua ação no sentido da Paz. Sabemos que as condições são adversas e extremamente difíceis e incertas, por isso muitos tentaram dissuadir o Papa no seu desejo de concretizar esta viagem. Contra ventos e marés, o Sumo Pontífice persistiu no seu corajoso intento e realizou esta visita essencialmente ecuménica, como um gesto de conciliação e boa vontade. Muitos esperavam esta peregrinação necessária, mas não esperavam que tivesse lugar tão cedo, e em circunstâncias tão difíceis, que levaram o Papa a arriscar a sua própria saúde e a vida. Mas era fundamental não esperar mais. E a escolha de Ur, lugar das origens de Abraão, Pai das grandes religiões monoteístas, é a demonstração de que estava em causa a urgência de uma iniciativa unificadora. E assim aconteceu, até para ouvirmos palavras exigentes e necessárias: “Hostilidade, extremismo e violência não nascem de um espírito religioso; são traições à religião. Nós, crentes, não podemos calar-nos quando o terrorismo abusa da religião”. Eis o que deve ser ouvido por todos, já que em todos os pontos cardeais

e em todas as religiões sentimos que há vozes que descreem desta verdade elementar. Quantas vezes prevalece a intolerância e o desrespeito mútuo, em nome da indiferença e do esquecimento sobre o primado da dignidade humana. “Hoje rezamos por todos os que padeceram sofrimentos horríveis e por todos os que ainda se encontram desaparecidos e sequestrados. E rezamos para que em toda a parte se respeite a liberdade de consciência e a liberdade religiosa, que são direitos fundamentais”. Infelizmente há ainda quem não compreenda os princípios fundamentais em que assenta a herança de Abraão e de quantos lhe sucederam ao longo dos séculos. Mas é preciso que tal aconteça!

Esta viagem histórica coincide com o oitavo aniversário do pontificado do Papa Francisco, eleito a 13 de março de 2013, e permite realçar a marca de fraternidade que tem caracterizado este magistério. Ao escolher a invocação do Santo de Assis fê-lo por causa dos pobres e dos deserdados e não se tem cansado de afirmar a Igreja como realidade viva atenta aos sinais dos tempos, às injustiças, à indiferença, à fome e à miséria – em nome da dignidade humana. Tem, por isso, o Papa Francisco afrontado os temas mais difíceis: o risco de corrupção, a pedofilia, as

desigualdades, a pandemia, a necessidade de chamar todos quantos constituem o Povo de Deus a responsabilidades partilhadas no seio da Igreja. Ao lermos as Exortações Apostólicas: “*Evangelii Gaudium*”, “*Amoris Laetitia*” e “*Gaudete et Exultate*” compreendemos que a verdadeira alegria da Graça de Deus e das Bem-Aventuranças exige atenção e cuidado, generosidade, sobriedade e capacidade de ir ao encontro de quem precisa de nós. Nestes tempos de pandemia, de confinamento e de separação temos de encontrar novas formas de encontro e de compreensão do próximo. A exceção em que vivemos corresponde a um tremendo “estado de necessidade”, que nos obriga a prevenir a morte dos mais frágeis. O descuido, o egoísmo, a desatenção têm como consequência o flagelo da doença e da morte de muitos dos nossos irmãos. E se referi as lições das Exortações, devo lembrar os textos luminosos de três Encíclicas de importância capital: “*Lumen Fidei*”, escrita com o Papa Bento XVI, ligando Fé e Razão, Liberdade e Responsabilidade; “*Laudato Si*”, um documento para a sociedade toda, que é profético, uma vez que nos coloca perante a exigência de salvaguardarmos a Natureza e o Meio Ambiente, contrariando o aquecimento global e combatendo o consumismo e o desperdício; e “*Fratelli Tutti*”, em nome de uma fraternidade necessária e autêntica.

E termino a citar a Carta dirigida ao Papa Francisco por María Lía Zervino, Presidente da União Mundial de Organizações Femi-

ninas Católicas: «sonho que, durante o Teu pontificado, inaugures, juntamente ao Sínodo dos Bispos, um Sínodo diferente: o Sínodo do Povo de Deus, com uma representação proporcional do clero, dos consagrados e das consagradas, dos leigos e das leigas. Não seremos mais felizes só porque uma mulher vota pela primeira vez, mas porque muitas mulheres leigas preparadas, em comunhão com todos os outros membros desse Sínodo, possam dar o seu contributo e o seu voto, que se juntará às conclusões que serão colocadas nas tuas mãos. Provavelmente, Santo Padre, Tu já tens esta “carta no teu baralho” para colocar em prática a sinodalidade apenas no momento certo para a jogar». Todos somos chamados à primeira linha, como os heróis que têm cuidado nos hospitais das vidas de quem tem sido afetado pela pandemia, de que ainda não nos libertámos, devendo manter cuidados redobrados. Todos não somos demais. Os nossos próximos são aqueles cuja vida temos de salvar.



P. Gonçalo Portocarrero de Almada A gata borralheira, em versão eclesial



Era uma vez uma menina muito bonita, mas muito pobrezinha, de quem a madrasta não gostava nada e, por isso, chamava-a gata borralheira. Quando houve no palácio real um baile, para que o príncipe herdeiro escolhesse a futura rainha, só as filhas do seu pai e madrasta é que foram convidadas. Contudo, as lágrimas da gata borralheira foram ouvidas pela sua fada madrinha, que logrou que se apresentasse no baile, sendo a mais bonita das debutantes. Deslumbrado com a sua beleza, o príncipe apaixonou-se por ela, com quem veio a casar, depois de a ter identificado, graças a um sapato que, na sua precipitada saída do baile, lá tinha deixado e que só no seu pé cabia. Esta história, que todos ouvimos na nossa infância, aconteceu há uns anos atrás. A borralheira chama-se Meghan Markle, e é agora duquesa de Sussex, graças ao seu casamento com Harry, filho segundo do herdeiro do trono britânico, o príncipe de Gales.

Infelizmente, esta história não conclui como aquelas em que se diz que casaram e foram muito felizes. É verdade que casaram mas,

em vez de serem muito felizes, não só foram infelizes como tiveram a infelicidade de dar uma entrevista a Oprah Winfrey, uma famosa bilionária norte-americana.

Há já algum tempo que se tinha percebido que havia algo de podre, não no reino da Dinamarca – embora o avô paterno de Harry, o Príncipe Filipe, tenha nascido príncipe da Grécia e da Dinamarca – mas da Grã-Bretanha. Os duques de Sussex, insatisfeitos com o cumprimento das missões protocolares que lhes competiam, como membros da família real britânica, decidiram deixar o Reino Unido, para se instalarem no novo mundo. Não obstante as facilidades dadas para esta mudança de vida, decidiram dar uma polémica entrevista.

Não fica bem a quem pertence à família real inglesa fazer, numa entrevista televisiva, comentários sobre outros membros da realeza britânica. Também não é aceitável que a ex-gata borralheira, agora duquesa de Sussex, recorra aos meios de comunicação social para insinuar que foi vítima de acusações racistas, por parte de membros da família a que pas-

sou a pertencer pelo seu casamento. Afinal de contas é a família que a acolheu no seu seio e a que deve estar grata, zelando pelo seu bom nome e fama. São Mateus diz que José, ante a inexplicável gravidez de Maria, foi “justo e não a querendo difamar, resolveu repudiá-la secretamente” (Mt 1, 19). Às vezes, o silêncio é uma exigência não apenas da caridade, mas também da justiça.

De algum modo, todos os cristãos somos como a gata borralheira porque, nascidos na condição a que nos condenou o pecado original, ascendemos, pela graça do Baptismo, à condição principesca de filhos de Deus. Na realidade, a distância que vai de uma pessoa não baptizada a um fiel cristão é muito maior do que a que percorreu Meghan Markle quando se transformou, pelo seu casamento, em duquesa de Sussex: é muito mais importante ser filho de Deus do que cônjuge do neto da Rainha da Inglaterra. Se a actual duquesa deveria estar agradecida pelo conto de fadas que lhe foi dado viver, muito mais devemos estar nós, cristãos, por sermos filhos de Deus, na sua Igreja.

Nunca seremos dignos da imensa honra que nos foi misericordiosamente concedida pelo nosso Baptismo, mas, pelo menos, saibamos ser agradecidos, sem nunca ter a deselegância

de criticar publicamente a Igreja, que é a família real a que, graças a Deus, pertencemos como filhos e co-herdeiros em Cristo. Com certeza que na Igreja há pecadores, também entre os seus pastores, mas há também muitos santos e seria uma injustiça que, dos lábios de um filho de Deus, se ouvisse uma crítica contra outro membro da sua família. Que a gratidão por esta tão excelsa honra nos leve a ser justos e, sempre que falemos dos membros da nossa família eclesial, tenhamos a caridade que queremos que os nossos irmãos na fé tenham ao falar de nós.

O reconhecimento da graça da filiação divina, que nos foi concedida no nosso Baptismo, deve-nos levar a uma atitude constante de acção de graças a Deus e de serviço aos nossos irmãos. A realeza de Maria e José manifestou-se, precisamente, no seu contínuo louvor ao Senhor e no seu alegre serviço à família real dos filhos de Deus.



Devocionário 'São José – Guardião do Redentor'

Secretariado Nacional de Liturgia publicou este devocionário (livro de orações) a São José, da autoria de José Ribeiro Gomes. “Não tenhamos medo de ir a São José e ser como ele, recebendo Deus no coração e na inteligência”, convida D. José Cordeiro, na apresentação



Diaconado permanente Quatro candidatos instituídos acólitos

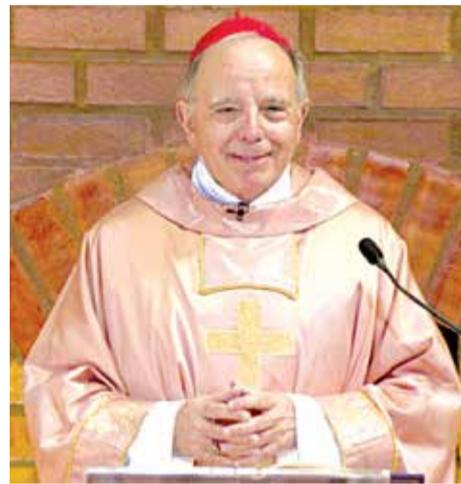
Foram quatro os candidatos ao diaconado permanente da diocese que foram instituídos acólitos, numa celebração presidida pelo Cardeal-Patriarca de Lisboa. Na capela do Seminário dos Olivais, no passado dia 13 de março, D. Manuel Clemente instituiu acólitos António Hipólito e Samuel Sanchez, ambos da paróquia de Alcabideche, na Vigararia de Cascais, Diogo Clemente, da paróquia de Fanhões, na Vigararia de Loures-Odivelas, e Nuno Andrade, da paróquia da Lapa (Estrela), na Vigararia Lisboa III. fotos por paróquia de Alcabideche

Domingo IV da Quaresma

“Com Deus, tudo pode recomeçar”

“Ele está sempre disponível para recomeçar com cada um de nós”, garantiu o Cardeal-Patriarca de Lisboa. Na Igreja de Cristo Rei da Portela, D. Manuel Clemente deixou ainda o conselho aos cristãos para lerem, diariamente, a Bíblia e pediu “cuidado” no desconfinamento. “Vamos dar bom exemplo!”, apelou.

Neste Domingo IV da Quaresma, dia 14 de março, o Cardeal-Patriarca pediu “cuidado” no desconfinamento, para que se continue a levar por diante “esta vitória que vamos alcançando sobre a pandemia”, e apelou a uma sociedade “integralmente ecológica” que aponte a uma nova forma de viver. “Temos que aprender a viver de outra maneira, como uma sociedade mais



reconciliada com a natureza inteira – nesse sentido mais ecológico e, integralmente, ecológica – e com condições onde a vida de cada um se possa verdadeiramente realizar, preservar. Vamos ter muito cuidado. Vamos dar bom exemplo!”, apelou D. Manuel Clemente, na véspera de serem permitidas, em Portugal Continental, as Missas com a presença da assembleia.

Na homilia da celebração, transmitida pela RTP, o Cardeal-Patriarca frisou que “com Deus, tudo pode recomeçar”, porque “Ele está sempre disponível para recomeçar com cada um de nós”, e desafiou os cristãos a lerem, diariamente, a Bíblia, de forma particular neste tempo em que “ouvimos notícias pesadas” e “no meio de tantas trevas que se adensam”. “À luz da Palavra, vemo-nos de outra maneira e percebemos que Deus está ali connosco”, reforçou D. Manuel Clemente.

Neste Domingo ‘Laetare’ (Domingo da Alegria), o Cardeal-Patriarca partiu do

diálogo de Jesus com Nicodemos, escutado no Evangelho, para apelar a que cada um também se possa encontrar com Jesus, fazendo “dissipar as trevas que se acumulam”. “Às vezes, estas trevas são muito difíceis de dissipar, mas aquilo que Jesus promete a Nicodemos é esta Luz que, n’Ele, Jesus Cristo, irradia como na Sua Páscoa acontecerá definitivamente, para quem quiser captar e nela quiser viver”, referiu.

Neste Domingo IV da Quaresma, que marca uma “etapa importante deste caminho quaresmal”, o Patriarca de Lisboa destacou, na sua reflexão, esta frase do Evangelho – ‘Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho Unigénito, para que todo o homem que acredita n’Ele não pereça, mas tenha a vida eterna’ – para afirmar: “É este o amor de Deus que se dá em Jesus Cristo totalmente para que, no meio de nós, desponte esta luz definitiva e que nos compensa de tantas trevas em que nós próprios, muitas vezes, estamos encerrados”.

Papa Francisco recebeu em audiência o Presidente da República Confirmada a “firme intenção” do Papa em estar na JMJ Lisboa 2023

O Presidente da República esteve no Vaticano e revelou que o Papa Francisco deseja participar na Jornada Mundial da Juventude (JMJ) em Lisboa, em 2023, e visitar novamente Fátima.



“Foi abordada a situação da pandemia e suas consequências, e ainda as Jornadas da Juventude em Lisboa em 2023, tendo o Papa confirmado a sua firme intenção de estar presente, visitando também de novo Fátima”, refere um comunicado da Presidência da República, a propósito da audiência do passado dia 12 de março, no Vaticano, naquela que foi a primeira viagem de Marcelo Rebelo de Sousa ao estrangeiro após a reeleição, em janeiro. A nota refere que o Presidente da República se encontrou “longamente” com o Papa Francisco, “tendo passado em revista vários temas de interesse bilateral e internacional, incluindo a Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia, tendo sido o primeiro Chefe de

Estado a encontrar o Sumo Pontífice depois da visita deste ao Iraque”. No decorrer da audiência, Francisco presenteou Marcelo Rebelo de Sousa com uma coletânea de 7 volumes da sua autoria, uma cópia do Documento sobre a Fraternidade, assinado em Abu Dhabi, uma cópia da Mensagem da Paz 2021 e uma escultura em bronze, representando um aperto de mãos.



MAE - Movimento Ação Ética A ética centrada na pessoa

António Bagão Félix (economista), Paulo Otero (jurista), Pedro Afonso (médico psiquiatra) e Victor Gil (médico cardiologista) fundaram o MAE - Movimento Ação Ética (www.acaoetica.pt), com o lema ‘Vida, Humanismo e Ciência’, que visa “propor abordagens, reflexões, estudos e contributos em torno das questões éticas atuais”. “O MAE propõe a ética centrada na pessoa e na valorização da vida humana, combatendo a indiferença e o relativismo ético, desejando contribuir para uma maior consciencialização dos imperativos éticos e para uma ética do futuro que não seja uma ética para o futuro, mas para hoje”, salienta um comunicado.



Luzeiro da Páscoa Raparigas convidadas para campos vocacionais

O Patriarcado de Lisboa está a desafiar as raparigas do 7.º ao 12.º anos para um campo vocacional, que vai ter lugar de 27 a 30 de março (sexta-feira, sábado e Domingo). Organizados pelo Sector de Animação Vocacional da diocese, os Luzeiros – Campos Vocacionais para Raparigas são “tempos de catequese e convívio, oração e partilha, trabalho e jogo, meditação e distração”, para que as raparigas possam “aprender a escutar Deus, e conhecer o projeto de vida que sonha para ti, e a construir a vida como resposta alegre e fiel a Deus”.

Informações e inscrições:

<http://vocacoes.patriarcado-lisboa.pt/luzeiros>

Rita Valadas, presidente da Cáritas Portuguesa

“NEM TUDO SE FAZ COM DINHEIRO”

A nova presidente da Cáritas Portuguesa considera que a Semana Nacional Cáritas “superou as expectativas”, mas alerta que “atirar dinheiro para cima da mesa” não erradica a pobreza. Em entrevista ao Jornal VOZ DA VERDADE, Rita Valadas considera que esta crise vai fazer com que as pessoas estejam “mais atentas ao que se passa perto de si”, e deseja “que os abraços não desapareçam, porque isso é a condição para manter a saúde mental”.

entrevista por Filipe Teixeira; fotos por Cáritas



Qual o balanço que faz da Semana Nacional Cáritas, que decorreu entre 28 de fevereiro e 7 de março?

Esta semana foi muito especial porque, pela primeira vez, foi uma semana completamente online. Já no ano passado, a Cáritas tinha tido esta dificuldade, no princípio do confinamento e, agora, com o confinamento completamente em evidência, tivemos que reformular tudo aquilo que é a prática natural de uma Semana Cáritas. A equipa da Cáritas Portuguesa fez um ‘brainstorming’ para encontrar opções que nos permitissem celebrar a Semana Nacional Cáritas, dar a conhecer a Cáritas em Portugal e, ao mesmo tempo, angariar alguns recursos... e tudo de forma online. Foi isso que submetemos às Cáritas Diocesanas e elas fizeram opções dentro do programa que mais lhes fazia sentido. Desenvolvemos uma campanha que assentou em duas situações: em primeiro lugar, em tudo quanto pudesse substituir o tradicional peditório nacional

– que já o ano passado não foi possível fazer e que é muito importante porque algumas Cáritas Diocesanas dependem muito deste peditório para a sua ação –, de forma a que o peditório decorresse online. Encontrámos formas de doar a partir do portal, utilizando o MB Way, o multibanco e todas as opções que existem, neste momento. Por outro lado, nós discutimos bastante a necessidade de ainda esclarecer o que é a rede Cáritas em Portugal. Há sempre uma certa dificuldade em perceber que esta é uma rede que não funciona como as outras redes. A Cáritas Portuguesa não é o chapéu das Cáritas Diocesanas, é o serviço das Cáritas Diocesanas e, para nós, e para mim em especial, que recentemente assumi este serviço, é muito importante que fique claro, que as pessoas entendam, que quando estão a falar de Cáritas em Portugal não estão a falar de uma diocese, mas também não estão a falar de um serviço que tutela os outros. Por isso, fizemos um plano com a comunicação social.

Nos primeiros dias como presidente da Cáritas, já tinha apontado como prioridade olhar para esta missão como “um serviço às Cáritas Diocesanas”. Como é que é feita essa articulação entre a Cáritas Portuguesa e as Cáritas Diocesanas?

A Cáritas Portuguesa, como cada uma das Cáritas Diocesanas, é “autónoma” e tem “vida própria”. Só que a “vida própria” da Cáritas Portuguesa, ao contrário do que acontece com a Cáritas Diocesana, é construída no Conselho Geral da Cáritas e esse é o órgão da Cáritas, em Portugal, onde estão representadas todas as Cáritas Diocesanas. O que é, então, a missão da Cáritas? Não tendo um território definido – quem tem são as Cáritas Diocesanas, paroquiais e todos os serviços caritativos da Igreja, em Portugal –, existem muitas iniciativas e muitos trabalhos transversais que necessitam de uma dimensão que cada uma das Cáritas não tem. As equipas técnicas que apoiam as Cáritas em Portugal também precisam de ter alguma formação e contraditório, pre-

cisam de articular com os seus pares, por exemplo. Se cada uma das Cáritas Diocesanas só pudesse existir no seu território, do ponto de vista da habilitação técnica, do conhecimento, do enquadramento, da definição do seu lugar no trabalho da Cáritas e também da aprendizagem do trabalho que nós todos temos com as experiências que vão sendo feitas pelos nossos pares, dificilmente tudo isto chegaria às outras Cáritas Diocesanas. Cada uma das Cáritas Diocesanas sabe, como ninguém, a realidade das Cáritas locais. A Cáritas Portuguesa, de acordo com aquilo que vai sendo anualmente decidido no Conselho Geral, vai trabalhando determinadas matérias e propondo – tendo uma visão mais externa ao território –, iniciativas que possam robustecer ou que mereçam discussão. Nós aprendemos imenso cada vez que fazemos uma reunião. Aliás, esta Semana Nacional Cáritas foi uma evidência disso: pensámos quais seriam os recursos, as formas e depois reunimos todas as Cáritas e discutimos com elas o programa. Foi muito debatido e o que saiu, saiu consciente de que é aquilo que foi proposto. Quando se fala de Cáritas em Portugal, não se está a falar nem de Cáritas Portuguesa nem de Cáritas Diocesanas, está-se a falar do conjunto de todas, com especificidades, especializações importantíssimas, únicas.

Como referiu, este ano, devido à pandemia, não foi possível realizar o peditório de rua da Cáritas. Aquilo que foi conseguido, através das iniciativas online, traduziu a generosidade dos portugueses neste contexto específico que estamos a viver?

Do ponto de vista do apoio financeiro, superou as expectativas, tanto no momento da semana, como nos dias que se seguiram. Nós fizemos um contacto, quer a nível diocesano, quer a nível nacional, com muitas empresas e houve muitas que não conseguiram tornar-se visíveis neste momento, porque tinham coisas já planeadas. Há programa, para além da Semana Nacional Cáritas, feito com propostas de



PERFIL

Rita Valadas, presidente da Cáritas Portuguesa desde 14 de novembro passado, é licenciada em Política Social e trabalhou no Departamento de Ação Social da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Nesta entrevista ao Jornal VOZ DA VERDADE, referiu que dará o melhor nesta missão e que o contexto de crise não a assustou no momento de aceitar o cargo. “Sou uma mulher do terreno, não nasci presidente, não é essa a minha orientação. Acho que quem trabalhou e trabalha no terreno tem mais condições de agir sobre a realidade nestas situações”, considera esta profissional, que é a segunda mulher a ocupar o cargo, após a primeira presidente e fundadora da instituição, Fernanda Mendes de Almeida Ivens Ferraz Jardim, Condessa de Valenças.

Cáritas
65 anos

É o amor que transforma

Semana Nacional Cáritas
28 de fevereiro a 7 de março

www.caritas.pt/snc

Contribuir é um gesto que transforma

NIB: PT50 0045 9020 40326607708 15
Ent: 77777 Ref: 777-777-777
MBway: 910 66 11 33

Com apoio:

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA

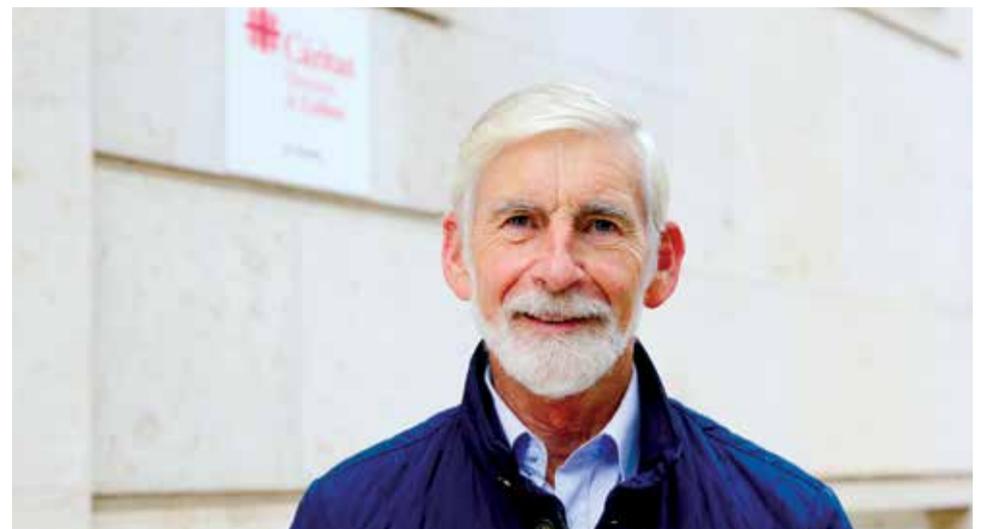
muitas empresas e que são muito interessantes. Ainda não temos tudo completamente contado, mas ultrapassámos bastante os 100 mil euros. Acho que suplantámos, claramente, aquilo que eram as nossas expectativas de visibilidade, de esclarecimento e financeiro, também.

Que soluções encontrou a Cáritas na resposta a esta crise?

Muitas e, sobretudo, uma grande flexibilidade. Aliás, há duas palavras que nos são muito importantes, neste momento: a flexibilidade e capilaridade. Não há nenhuma rede tão capilar como a rede da Igreja, não há nada mais perto de cada pessoa do que a igreja do seu bairro. Portanto, a Cáritas podendo contar com essa capilaridade ao nível do trabalho que se faz localmente, consegue chegar muito perto. E também aprender muito com cada solução que existe.

Eu já tinha estado na Cáritas, na direção, durante dois mandatos, entre 2006 e 2011. Nessa altura nós vivíamos a outra crise. Talvez por isso eu não me assustei tanto. Nessa altura percebi o quão poderosa, em termos de apoio, a Cáritas pode ser. Nem tudo se faz com dinheiro, muitas vezes atiramos com dinheiro para

cima da mesa e não resolvemos nada. É isso que tem estado a acontecer em Portugal, nós temos gasto tanto dinheiro para erradicar a pobreza e, até hoje, não conseguimos. Quando aparece uma crise, não nos podemos conter aos programas que estão em cima da mesa. Já nessa altura, a Cáritas fez uma coisa que continua a permanecer e que, de certa forma, se apoiou, do ponto vista financeiro: foi a distribuição de vouchers em vez de géneros. Nestas crises há pessoas que não estão ligadas à pobreza “mais resistente” e a outras situações que carecem que lhes dê bens alimentares. É preciso encontrar formas de combater aquilo que é natural, que é um certo pudor, uma certa vergonha nas pessoas que, por exemplo, nos ajudam durante os seus tempos bons e chegam a esta altura e confrontam-se com uma situação de carência e têm algum pudor em entrar, de chegar ao pé de nós para pedir ou para dizer qual é a sua situação, de forma a discutirmos com eles e vermos que soluções existem. É essa a facilidade que a Cáritas tem: encontrar soluções fora dos programas, como nós fizemos desde a primeira linha. Com a direção que nos antecedeu, houve um reforço para a compra e distribuição de vouchers. Na pri-



RENÚNCIA QUARESMA: PRESIDENTE DA CÁRITAS DE LISBOA APELA “À CONFIANÇA” NA INSTITUIÇÃO

Nesta Quaresma, o Patriarcado de Lisboa vai destinar o valor da Renúncia Quaresmal à Cáritas Diocesana, para “poder continuar a socorrer os mais vulneráveis”, refere uma comunicação da Vigararia Geral, divulgada no início deste tempo de preparação para a Páscoa.

Ao Jornal VOZ DA VERDADE, o presidente da instituição disse ter recebido “com muita satisfação” esta notícia, pelo próprio Cardeal-Patriarca D. Manuel Clemente. “Satisfação porque constituirá um reforço financeiro para continuarmos a apoiar através das paróquias e instituições sociocaritativas ligadas à Igreja, mas também porque ela representa uma grande afirmação de confiança do senhor Patriarca na sua Cáritas Diocesana”, enalteceu o almirante Luís Macieira Fragoso, deixando ainda um apelo à confiança na missão da instituição: “A Cáritas Diocesana de Lisboa atua principalmente através dos que estão próximos dos carenciados, ou seja, os grupos sociocaritativos paroquiais. Para cumprir cabalmente a sua missão, necessita de meios financeiros que provêm exclusivamente de donativos. Consideramo-nos apenas intermediários entre os que doam e os que necessitam, e procuramos fazê-lo com a máxima eficiência. O senhor Patriarca confia em nós, esperamos que os católicos do Patriarcado também confiem”.

A entrega da renúncia pode ser feita diretamente ou através da paróquia, até ao próximo dia 11 de abril, para o IBAN PT50003300004544795746905.

meira fase, houve um apoio muito sólido para a compra de equipamentos de proteção individual para distribuí-los pela rede. Depois, para as pessoas que foram ficando, financeiramente, numa situação crítica, criou-se um programa que se chama ‘Inverter a curva da pobreza’, precisamente para inverter estas situações.

O que nós temos é de tentar ter capacidade financeira para agir nas situações pontuais de crise e não permitir que essas situações engrossem os nossos índices de pobreza porque são pessoas que têm competências e ainda estão em condições de reabilitar o seu sonho. Nessas, temos que evitar que caiam em situações que, depois, nós não temos sabido curar. Não temos sabido curar a pobreza, portanto, o que podemos fazer é evitar que mais pessoas caiam nessa situação, para depois o caminho seguinte ser a criação de resiliência na rede, para poder estar capaz de responder a outros desafios.

Na sua opinião, que boas práticas da caridade, trazidas pela pandemia, irão ficar para o futuro pós-pandémico?

Acho que as pessoas vão estar mais atentas ao que se passa perto de si. Na primeira fase, achámos que o vírus não chegava até nós e, hoje em dia, toda a gente conhece uma pessoa que está doente ou que faleceu. Eu acho que vamos estar atentos ao que se passa mais perto e, sobretudo, desenvolver algumas competências de prudência que não havia antes. Aquilo que espero que não aconteça é que as pessoas se virem para dentro...

Também descobrimos formas de nos fazermos presentes sem um abraço, mas eu espero que os abraços não desapareçam porque isso é a condição para manter a saúde mental, é aquele “coração de dentro” que precisa da atenção e essa eu espero que saibamos recuperar na situação pós-pandémica.



Missão País 2021

PORQUE TEMEMOS? SOU EU!

“Tranquilizai-vos! Sou Eu! Não temais!” – é o próprio Jesus quem nos fala. Mas como é possível não temer quando tudo à nossa volta é incerto?

À semelhança dos discípulos, fomos surpreendidos pelas ondas e pelo vento contrário. Quando já estávamos a várias centenas de metros da terra, a poucos meses da Missão País 2021, fomos surpreendidos. Inicialmente assustamo-nos com o fantasma, mas logo depois confiamos n’Aquele que nos tranquilizou.

O Papa Francisco diz-nos que a fé oferece a segurança de uma Presença, a presença de Jesus, que nos impele a superar os temporais existenciais, a certeza de uma mão que nos segura a fim de nos ajudar a enfrentar as dificuldades. Quando tudo indicava que teríamos de cancelar a Missão País 2021, Jesus estendeu-nos a mão e segurou-nos, indicou-nos o caminho quando tudo estava escuro.

Há 18 anos que a Missão País transforma vidas. Todos os anos, mais de 3500 universitários anseiam pela pausa letiva entre os semestres, para partirem em missão. Durante uma semana somos chamados a dar testemunho do Evangelho. Somos enviados, como os discípulos, a levar e a ser Jesus para os outros, onde quer que eles estejam. Seja nas creches, nas escolas, nos lares, no porta-a-porta ou no teatro, somos convidados a partilhar Jesus. Partimos com o entusiasmo de dar tudo aquilo que somos e acabamos por receber em triplicado. A Missão País transforma vidas, a vida daqueles que partem em missão e a vida daqueles que acolhem os missionários.

Foi com o mesmo entusiasmo de sempre que começamos a preparar a Missão País 2021. Sabíamos que o desafio era grande. A incerteza era maior que a certeza, mas havia vontade. Num ano marcado pela solidão, angústia, sofrimento e dor, queríamos levar esperança àqueles que mais precisavam dela. Queríamos partilhar Jesus. Mas como o poderíamos fazer se nos diziam para permanecer afastados? Como poderíamos partilhar Jesus se não podíamos tocar e abraçar os outros?

A resposta mais fácil teria sido desistir, mas não o fizemos. Perante a tempestade de incertezas que enfrentávamos, Jesus deu-nos a resposta através do Evangelho escolhido para a Missão País 2021. Jesus caminha sobre as águas e tranquiliza-nos. É Ele! Porque tememos?

Foi então que percebemos que este ano a nossa missão seria diferente. Éramos chamados, à semelhança da Santa Teresinha do Menino Jesus, a missionar sem sair da nossa localidade. Num ano em que nos era pedido para ficarmos em casa, era aí que iríamos servir. Cla-

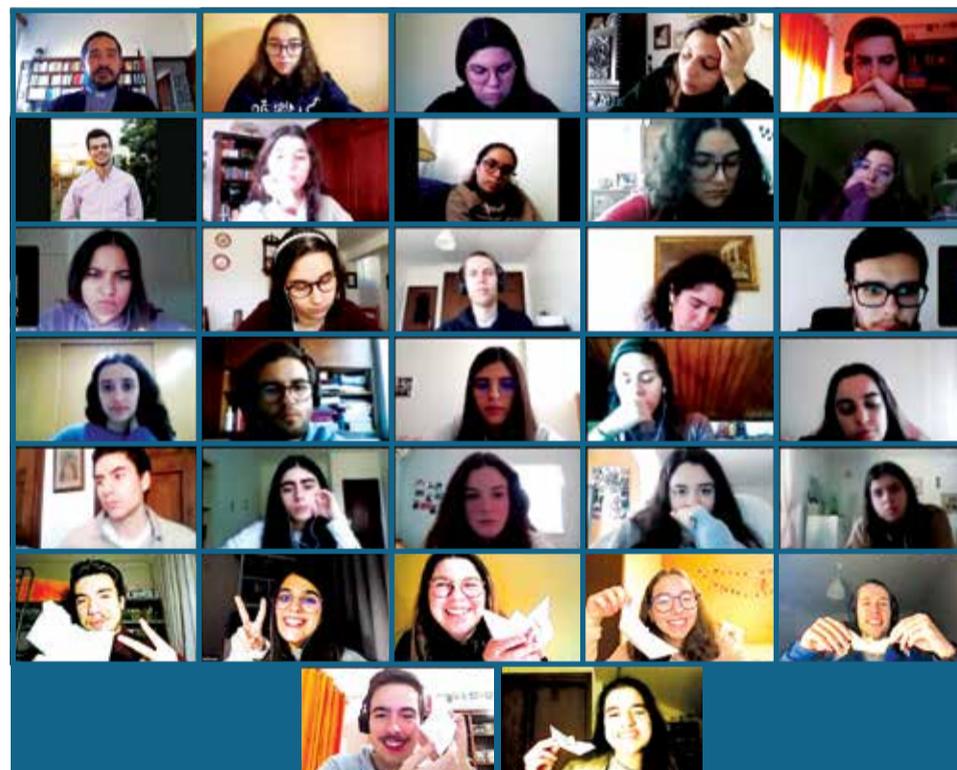
ro que todos nós gostaríamos de ter partido em missão. As próprias localidades já estavam a contar com a nossa presença. Contudo, acredito que Deus não nos dá aquilo que queremos, dá-nos aquilo que precisamos. A Madre Teresa de Calcutá dizia: “É fácil amar os que estão longe, mas nem sempre é fácil amar os que vivem ao nosso lado”. A Missão País 2021 veio mostrar-nos que está nas nossas mãos mudar esta premissa. Precisávamos de perceber isto. Deus deu-nos aquilo que precisávamos. O amor começa em casa! A missão começa em casa!

Neste sentido, muitas foram as missões que se uniram e viveram, mesmo à distância, o propósito da missão. Durante uma semana, e apesar das aulas que já decorriam, vivemos juntos a missão. Todas as manhãs era enviada uma pequena oração para os missionários, para que o dia começasse da melhor forma. Por volta do meio-dia, rezávamos juntos a oração do Angelus. Ao final da tarde, muitos eram aqueles que se uniam para assistir à celebração eucarística. E para terminar o dia, juntávamo-nos para rezar uma pequena reflexão e a oração do terço. Houve tempo ainda para ouvir alguns testemunhos de fé, para estar *online* com o grupo de jovens da localidade que nos iria receber, para momentos de partilha e claro, para a brincadeira.

Viver a missão a partir de casa foi um autêntico desafio. Quem diria que poderíamos missionar e partilhar Jesus através de um computador! Estávamos fisicamente afastados, mas permanecemos juntos pela oração. Fomos Jesus uns para os outros, mesmo estando em pequenos quadradiños. Apesar da azáfama e confusão do dia-a-dia, conseguimos encontrar momentos de paz e de encontro com Aquele nos ama. As coisas extraordinárias acontecem quando nos deixamos surpreender e, mais uma vez, Jesus surpreendeu-nos.

A Missão País 2021 foi diferente de todas as missões que já vivemos, mas pode ter sido das mais especiais. Afinal, aprendemos que podemos ser missionários na nossa própria casa. Percebemos que somos chamados a ser missionários no nosso próprio dia-a-dia, a levar e a ser Jesus para aqueles que nos são mais próximos. Nós, jovens, somos o agora de Deus. Ele convida-nos a ser, sem medo, testemunhas vivas do seu amor e misericórdia, independentemente do lugar ou situação em que nos encontremos. Jesus quer que nós embarquemos em direção à outra margem. Então porque tememos? É Ele! Sempre foi!

texto por Mafalda Martinho



EM LISBOA
DIA 23
MARÇO

VIA SACRA
NÚCLEOS DE ESTUDANTES CATÓLICOS
PASTORAL UNIVERSITÁRIA

21H5
TRANSMISSÃO ONLINE

#LEVANTA-TE
#JHJ2023LISBOA

Juventude

DIA 23... EM MARÇO

Está quase aí o próximo Dia 23, e continuamos a caminhar até Jerusalém. Desta vez, e inspirados por este tempo quaresmal, convidámos a Pastoral Universitária/ Núcleos de Estudantes Católicos para nos ajudarem a rezar melhor este tempo, e, para isso, a preparem um dos mais belos modos de se meditar sobre a Paixão de Jesus: uma Via Sacra. Não fiques de fora, e junta-te a nós neste momento de oração. Poderás acompanhar este encontro nos locais habituais (Facebook do Serviço ou Facebook e YouTube do Patriarcado de Lisboa), às 21h15. Cada vez mais próximos de 2023. Apressadamente, como Nossa Senhora.

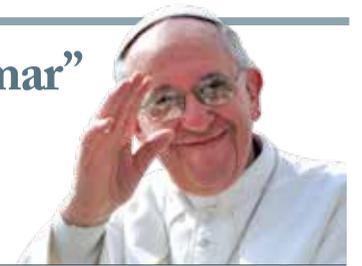


com **Aura Miguel**
Jornalista da Rádio Renascença,
à conversa com Diogo Paiva Brandão

Roma /09

“Também eu estendo os meus braços e digo: que prevaleça o diálogo no Myanmar”

O Papa Francisco apelou, “uma vez mais”, ao diálogo no Myanmar. Na semana em que foi notícia que a Igreja não pode abençoar uniões entre pessoas do mesmo sexo, o Papa pediu para “não ser esquecido o sofrimento da Síria” e cumpriu o oitavo ano de pontificado. O Vaticano pediu a contribuição dos fiéis.



1. O Papa lançou mais um apelo ao fim dos conflitos em Myanmar (antiga Birmânia) e solidarizou-se com os que saem para as ruas a pedir paz. “Uma vez mais, e com tanta tristeza, sinto a urgência de evocar a dramática situação em Myanmar, onde tantas pessoas, sobretudo, jovens estão a perder a vida para oferecer esperança ao seu país”, afirmou Francisco, no final da audiência-geral desta quarta-feira, 17 de março. “Também eu me ajoelho nas ruas de Myanmar. Também eu estendo os meus braços e digo: que prevaleça o diálogo. O sangue não resolve nada. Que prevaleça o diálogo”, pediu. Pelo menos 149 pessoas foram mortas pelas forças de segurança da junta militar que levou a cabo o golpe de Estado de 1 de fevereiro em Myanmar, 11 das quais nas últimas 24 horas, denunciou a ONU na terça-feira.

Na intervenção proferida a partir da biblioteca do Palácio Apostólico, o Papa também se referiu aos confrontos no Paraguai, condenou a violência que “é sempre autodestrutiva” e apelou a “um caminho de diálogo que permita construir a paz tão ignorada”.

2. A Congregação para a Doutrina da Fé emitiu em esclarecimento explicando por que razão não considera lícito os sacerdotes abençoarem uniões entre pessoas do mesmo sexo. “A declaração de ilicitude das bênçãos de uniões entre pessoas do mesmo sexo não é, e não quer ser, uma injusta discriminação, mas quer relembrar a verdade do rito litúrgico e de quanto corresponde profundamente à essência dos sacramentais, como a Igreja os entende”, salienta a nota, publicada no dia 15 de março. A nota acrescenta que, “para ser

coerente”, quando se invoca a bênção para algumas relações humanas “é necessário – além da reta intenção daqueles que dela participam – que aquilo que é abençoado seja objetiva e positivamente ordenado a receber e a exprimir a graça, em função dos desígnios de Deus inscritos na Criação”, e que só são “compatíveis com a essência da bênção dada pela Igreja” apenas “aquelas realidades que de per si são ordenadas a servir a tais desígnios”.

O comunicado conclui referindo que o Papa “foi informado e deu o seu assentimento” à publicação desta resposta assinada pelo prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, cardeal Luis Ladaria.

3. “Há 10 anos, começou o sangrento conflito na Síria que causou uma das mais graves catástrofes humanitárias do nosso tempo”, recordou o Papa, no final do Angelus do passado Domingo, 14 de março. Francisco lembrou o “número indefinido de mortos e feridos, de milhões de refugiados, milhares de desaparecidos, de descrições, violências de todo o tipo e terríveis sofrimentos para toda a população, especialmente, para os mais vulneráveis como crianças, mulheres e idosos”.

Este trágico aniversário foi ocasião para o Papa renovar “um forte apelo às partes em conflito para que manifestem sinais de boa vontade e se possa abrir uma brecha de esperança para a população exausta”. E também pediu à comunidade internacional para que ajude a Síria e que, “uma vez depostas as armas, se possa repor o tecido social e começar a reconstrução e retoma económica”. No final, Francisco convidou todos a rezarem por aquele país “para que

tanto sofrimento na amada e martirizada Síria, não seja esquecido e para que a nossa solidariedade reavive a esperança”.

Naquela manhã, o Papa tinha celebrado Missa, na Basílica de São Pedro, para assinalar os 500 anos da evangelização das Filipinas, e agradeceu aos católicos daquele país asiático a alegria com que vivem a fé, quer como comunidade, quer na vida quotidiana.

4. O Papa Francisco cumpriu no dia 13 de março o oitavo ano de pontificado. Quem não se lembra da Praça de São Pedro totalmente vazia, naquele dia 27 de março de 2020, com o Papa solitário e vacilante a carregar sobre si todo o sofrimento do mundo e da Igreja? No meio da angústia e adversidade, em que “densas trevas cobriram as nossas praças, ruas e cidades se apoderaram das nossas vidas”, “em que nos revemos temerosos e perdidos”, “todos frágeis e desorientados”, o Sucessor de Pedro abraçou a Cruz. A chuva torrencial e o vento não o impediram de abençoar, com o Santíssimo Sacramento, a cidade de Roma e o mundo inteiro, “como um abraço consolador de Deus”.

Foi também em plena pandemia que o Papa, no início de outubro, se deslocou a Assis para assinar, junto ao túmulo de São Francisco, a nova encíclica ‘Fratelli tutti’, sobre o respeito do outro como irmão, num “amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço”. Ultrapassar estas barreiras, foi exatamente o que Francisco fez no Iraque. Apesar dos inúmeros riscos e contrariando os mais prudentes conselheiros, avançou, de mão estendida, para se encontrar com os seus “irmãos” muçulma-

nos xiitas, unidos pelo mesmo “pai Abraão” e reforçar apelos de paz e fraternidade.

E como Francisco é um homem de gestos concretos, o seu coração de pastor levou-o, sobretudo, ao encontro dos cristãos que mais sofrem e carregam as feridas profundas da guerra e do luto. Levou-lhes “o abraço consolador de Deus”, mas também recebeu. Ao completar o oitavo ano do seu pontificado, podemos agora olhar para trás e perceber como, apesar da pandemia e do isolamento obrigatório, a missão do Papa não tem pausas. E se hoje vivemos uma “terceira guerra mundial aos pedaços”, como tanto insiste Francisco, a viagem ao Iraque permitiu-lhe tocar com a mão num desses pedaços de guerra para nele lançar sementes de paz.

5. O orçamento da Santa Sé para 2021 foi divulgado a 12 de março e prevê um deficit de quase 50 milhões de euros, que teria sido de 80 milhões se não houvesse o Óbolo de São Pedro (fundo com donativos dos fiéis ao Papa). A crise causada pela pandemia é a causa de um orçamento mais restritivo, no qual as receitas previstas são muito menores do que as de 2019, antes da pandemia. Nesse ano, a receita foi de 307 milhões de euros, enquanto se prevê para este ano uma queda de 30%, 213 milhões.

O prefeito da Secretaria para a Economia, padre Juan Antonio Guerrero Alves, explicou ao Vatican News que “as despesas orçamentais para 2021 são as mais baixas da história recente da Santa Sé” e que “as contenções foram feitas sem diminuir o serviço à missão do Papa e defendendo os salários e empregos dos funcionários”. Por isso, conclui: “Precisamos do apoio dos fiéis”.

México: violência contra sacerdotes não afasta os jovens dos seminários

Jovens sem medo

No México, um dos países mais perigosos do mundo para os padres, onde nos últimos anos se sucederam assassinatos, raptos e vários episódios de violência, os seminários continuam não só de portas abertas como a atrair vocações. É o caso do seminário Redemptoris Mater, na capital mexicana, onde oito jovens se preparam para o sacerdócio com o apoio da Fundação AIS. São jovens sem medo.

A notícia chegou rodeada de escândalo e estupefação. Um padre, Ambrosio Arellano Espinoza, com quase 80 anos, estava hospitalizado com “queimaduras de segundo grau nas mãos e nos pés”. Foi em Abril de 2019. O sacerdote tinha sido torturado em consequência de um ataque. Foi apenas mais um assalto violento no México. Foi apenas mais um episódio de criminalidade, dos muitos que acontecem quase todos os dias e que têm colocado sistematicamente este país entre os mais violentos do mundo. Só nos primeiros dois meses desse ano de 2019, quando se deu o assalto e a agressão ao Pe. Ambrósio, houve 5.649 homicídios no México. Sinal desta realidade por vezes brutal, 15 das principais cidades mexicanas estão incluídas no pouco abonatório ‘ranking’ das 50 cidades mais perigosas do mundo. O México é também considerado como o país mais perigoso da América Latina para os sacerdotes.

Morto com 14 tiros

A notícia da agressão do Pe. Ambrosio Espinoza causou estupefação, pois ninguém imaginaria ser possível fazer mal, torturar, queimar as mãos e os pés de um homem com 78 anos. De um homem de paz. De um sacerdote. Apesar de toda a violência que enxameia os jornais e as televisões no México, ninguém está suficientemente anestesiado para escutar uma notícia assim. É difícil manter actualizada a estatística da violência no México contra os padres, contra a Igreja. Entre 1990 e o ano de 2017 foram assassinados 47 sacerdotes, um diácono, quatro religiosos, nove leigos ao serviço da Igreja e um jornalista católico. Durante estes 27 anos, foi também assassinado um cardeal. O dia 24 de Março de 1993 ficou manchado pela morte de D. Juan Jesús Posadas Ocampo quando estava no aeroporto de Guadalajara. Foi assassinado a tiro. Dispararam 14 vezes contra o seu corpo. A polícia veio mais tarde dizer que o arcebispo, uma das figuras mais populares da Igreja Católica de então, havia sido confundido com um traficante de drogas e foi apanhado num tiroteio entre cartéis rivais.

Gesto de coragem

Como se a natureza estivesse em conluio com os traficantes, a verdade é que nos últimos meses a Igreja do México tem sido também particularmente atingida pela pandemia do coronavírus. No início deste ano, centena e meia de padres e cinco bispos morreram infectados pela Covid-19. São números impressionantes. Num ambiente tão adverso, é difícil imaginar como o sacerdócio possa seduzir os jovens mexicanos. Mais do que uma escolha de vida, uma entrega aos outros, significa um gesto de coragem. Mas são inúmeros os exemplos que nos chegam da ousadia de jovens que querem entregar as suas vidas ao serviço dos outros, dos mais pobres, dos mais humildes e necessitados. Na gigantesca cidade do México – a região metropolitana tem mais de 20 milhões de habitantes... –, existe um seminário, Redemptoris Mater, que nasceu da vontade e do sonho de São João Paulo II. São lugares de formação para a Igreja universal. Os jovens forma-

dos nestes seminários são sacerdotes disponíveis para prosseguirem a sua missão em qualquer parte do mundo, ao serviço do Evangelho e a pedido do seu bispo. São padres ao serviço da Igreja. O mundo é a sua paróquia.

A ousadia de servir

Oito destes futuros padres são apoiados pela Fundação AIS. Uma ajuda que se tornou imprescindível por causa da pandemia do coronavírus. A diocese tem sido chamada a socorrer cada vez mais famílias que atravessam grandes dificuldades financeiras e os recursos para a formação dos jovens seminaristas passaram a ser um problema também. O apoio da Fundação AIS tem permitido que o seminário mantenha as suas portas abertas e que os sonhos missionários destes oito jovens prossigam até ao momento em que serão enviados também em missão. Estes oito seminaristas sabem dos problemas, das dificuldades que a pandemia tem gerado

e sabem também que os seus estudos têm prosseguido graças à solidariedade dos benfeitores da AIS. E agradecem. “Durante esta crise de saúde, causada pela Covid-19, não deixámos de rezar por toda a humanidade, e especialmente pela AIS e pelos nossos benfeitores. São tempos difíceis, mas as dificuldades permitem-nos partilhar a Cruz de Cristo. Que Nossa Senhora de Guadalupe, a Estrela da Evangelização, recompense os benfeitores da AIS pela sua generosidade!” São oito jovens, que sonham ser sacerdotes num dos países mais violentos do mundo, disponíveis para partilhar as suas vidas com os mais necessitados. São oito jovens sem medo que nunca mais irão esquecer a solidariedade dos benfeitores da Fundação AIS...

texto por Paulo Aido,
Fundação Ajuda à Igreja que Sofre

www.fundacao-ais.pt | 217 544 000



O México é considerado o país mais perigoso da América Latina para os sacerdotes.



Muitos jovens se preparam para o sacerdócio com o apoio da Fundação AIS.

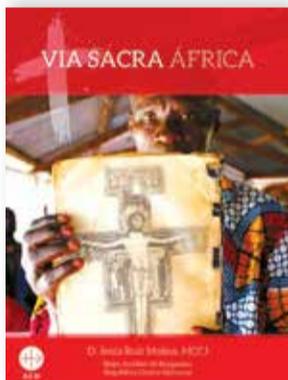
SUGESTÃO CULTURAL

Via Sacra África

A Fundação AIS (Ajuda à Igreja que Sofre) publicou, nesta Quaresma, o livro 'Via Sacra África', da autoria de D. Jesús Ruiz Molina, missionário comboniano que é Bispo Auxiliar de Bangassou, na República Centro-Africana. "Esta é uma Via Sacra africana. Jesus continua a sofrer a Sua paixão também na carne de muitos africanos. Acompanhem Jesus na Sua via dolorosa meditando as estações sob o céu africano", refere a sinopse da obra, que tem um custo de 4€ (ou de 2,5€, no caso de comprar três ou mais exemplares). Uma das particularidades desta Via Sacra é que "cada estação é ilustrada de forma magnífica com desenhos africanos" e por "fotografias reais do sofrimento e da vida destes nossos irmãos, que acompanham as meditações sofridas e escritas por D. Jesús Ruiz Molina".

Informações:

www.fundacao-ais.pt/pt/catalogo/livros-espirtualidade-via-sacra-africa



À PROCURA DA PALAVRA

DOMINGO V QUARESMA ANO B

"Se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica só; mas se morrer, dará muito fruto."

Jo 12, 24



pele P. Vítor Gonçalves

Ver, morrer, atrair

1. Ainda bem que temos de usar máscaras para nos protegemos da pandemia em vez de vendas. Se o contágio se desse pelo olhar, uma espécie cegueira branca como a que Saramago escreveu no seu "Ensaio sobre a Cegueira", seria maior o sofrimento. Assim, custa-nos mais falar e sorrir, mas os olhos não são "as janelas da alma"? Ver é prolongar a mente e o coração, é descobrir o belo e o novo, é começar a conhecer. Uns gregos pediram para ver Jesus. Tinham ouvido falar d'Ele. Mas queriam vê-l'O, não por mera curiosidade, mas desejosos de O conhecer. Não eram judeus e, dirigiram-se aos dois discípulos com nome grego, Filipe e André, que os levaram a Jesus. Quanto vale a amizade daqueles que nos levam a ver Jesus! E Jesus começa a falar-lhes da sua "hora". Do tempo que começa e não mais acaba, como não acaba a conversa de todo aquele que quer "ver Jesus", onde o presente de cruz e glória de Jesus é o futuro dos seus discípulos. Esta "hora" anunciada e desejada é o tempo

todo aberto do amor de Deus ao mundo, largo como o horizonte do mar imenso, a alcançar judeus e gregos, e todos, todos mesmo. É pelos olhos brilhantes que Jesus acende em nós que nos contagiamos, como escreveu Sophia: "Vimos o mundo aceso nos seus olhos, / E por os ter olhado nós ficámos / Penetrados de força e de destino."

2. Somos como os grãos de trigo. Lançados à escuridão, não da terra, mas do confinamento, em casa, em tele-trabalho, e tele-escola, e "tele-vida". Aceitando tudo como provisório, ainda que longo demais. E há demasiados sinais de morte a rodear-nos, ao mesmo tempo que muitos dão a vida para não perder a vida de ninguém. Redescobrimos a responsabilidade de pensar nos outros primeiro, de como tudo é frágil, e os egoísmos e ganâncias só alimentam a maldade e a morte. Como pequenos rebentos, frágeis e cautelosos, não podemos esquecer o que aprendemos. Só teremos vida se a dermos. Com

coragem e responsabilidade. De pouco adianta uns salvarem-se, com vacinas ou tendo a saúde como um luxo e não como um direito e um dever, com passaportes saudáveis, se para todos a indiferença alastrar como a maior pandemia. Morrer para dar vida é o que a natureza nos revela e Jesus nos ensina. Como recordava José Gomes Ferreira: "Para além do "ser ou não ser" dos problemas ociosos / o que importa é isto: / - Penso nos outros. / Logo existo."

3. Jesus, elevado da terra na cruz, atraiu todos a si. A atracção é fruto da beleza, que se oferece no trabalho de Deus e no trabalho humano. O trabalho do amor crucificado de Jesus prolonga-se nos que acreditam e vivem d'Ele. Assim, é preciso que o amor penetre tudo o que somos e fazemos. Dizia Khalil Gibran: "Só é grande / quem transforma a voz do vento / em canto tornado mais doce / pelo próprio amor. // O trabalho é amor / tornado visível." É essa a atracção pascal!

DOMINGO DE RAMOS NA PAIXÃO DO SENHOR (28 DE MARÇO)

USO LITÚRGICO	CÂNTICO	COMPOSITOR	FONTE
Início	Hossana, ao Filho de David	M. Luís	CAC 198 / CN 530
Procissão / Entrada	Meninos hebreus	M. Luís	CAC 208 / CN 608
Procissão / Entrada	Bendito, bendito O que vem	M. Luís	CAC 188 / CN 256
Entrada	Salve, Filho de David	M. Luís	CAC 233 ¹
Ofertório	Chegou a hora	M. Luís	CAC 192
Ofertório	Eu tenho o poder de dar a minha vida	A. Cartageno	CN 456
Comunhão	Pai, se este cálice	M. Carneiro	²
Ofertório / Comunhão	Tomarei o cálice	M. Luís	CAC 237
Pós Comunhão	Nós Vos adoramos e Vos bendizemos	C. Silva	OCoc 189
Final	Cobriu-se a terra de luto (Glória a Cristo)	M. Luís	NCT 516 / LHC II 69

¹ seguir errata | ² www.corolaudate.pt/Pdf/Quaresma/Q51PaiSeEsteCaliceCarneiro.pdf



Tweets da Semana

“Viver uma #Quaresma de caridade significa cuidar de quem se encontra em condições de sofrimento, abandono ou angústia por causa da pandemia de #Covid-19.”

15 de março

“Se Deus ama tanto que Ele mesmo se doa, também a Igreja tem esta missão: não é enviada para julgar, mas para acolher; não para impor, mas para semear; não para condenar, mas para levar Cristo que é salvação.”

14 de março



Papa Francisco @Pontifex_pt

“A luz que irradiará na manhã de Páscoa, na ressurreição de Jesus Cristo, está aí! É possível vê-la quando ouvimos a Palavra de Jesus, porque, como Ele prometeu, aquele que guarda a Sua Palavra, terá Jesus Cristo a habitar em si mesmo. #Quaresma”

14 de março



D. Manuel Clemente @patriarcalisboa

PODCAST

Ep. 10, com Raquel Carreira, disponível desde o dia 18 de março, em <https://leigosquecontam.podbean.com>

Leigos que contam ...

Editorial

NO SONO DE SÃO JOSÉ

P. Nuno Rosário Fernandes, diretor
p.nunorfernandes@patriarcado-lisboa.pt



Na arte da representação de santos, há uma imagem de São José que me interpela: São José que dorme. Vemos, normalmente, representações de santos com símbolos que nos remetem para determinadas características pessoais, por vezes até reportando-nos para as causas das suas mortes, como mártires e testemunhos de fé, ou por algum feito, isto é, por algo que se destaca nas suas vidas.

Mas nesta imagem de São José que dorme, vemos, simplesmente, a simplicidade de uma figura a dormir. Sabemos que em São José, e não apenas, Deus comunica pelo sonho; isto é, o sonho é o meio que Deus usa para comunicar com São José e, dessa forma, vai-lhe dando as indicações necessárias para cuidar, acompanhar e defender a Sagrada Família.

Na história de São José, desde o início, Deus comunicou com ele para o descansar e fazer perceber que o projeto de Deus era grande e que Maria, a sua esposa, iria dar à luz um Filho, que era Deus. Podemos imagi-

nar a dificuldade que São José terá sentido ao descobrir a gravidez de Maria, mas diz-nos a Sagrada Escritura que não repudiou a sua esposa, mas fez silêncio. E, no meio da dor, nesse silêncio, na discrição e no sonho, Deus comunica com ele.

Já em Belém, depois do nascimento de Jesus, novamente um sonho leva José a pegar na sua família e a fugir, rumo ao Egito, para a salvar da perseguição de Herodes. Muitas vezes ouvimos dizer que o sono é bom conselheiro, porque se encontram soluções, amadurecem ideias, descansa-se sobre os problemas, mas sobretudo cria-se espaço para a ilu-

minação que Deus pode trazer à vida. Estamos no decorrer do Ano de São José, e nesta sexta-feira, 19 de março, o Papa Francisco encetou, também, o Ano ‘Família Amoris Laetitia’, para assinalar os cinco anos da Exortação Apostólica pós-sinodal com o mesmo nome. É uma oportunidade para colocarmos, no sono de São José, não apenas os nossos problemas, as nossas vidas, mas a vida da Igreja e o cuidado pela instituição familiar, com as suas dificuldades e todos os seus desafios.

Entreguemos tudo ao sono de São José, mas mantenhamo-nos despertos para defender sempre a vida.

“O Ano ‘Família Amoris Laetitia’ é uma oportunidade para colocarmos, no sono de São José, não apenas os nossos problemas, as nossas vidas, mas a vida da Igreja e o cuidado pela instituição familiar, com as suas dificuldades e todos os seus desafios.”

FICHA TÉCNICA

Registo n.º 100277 (DGCS) - Depósito legal: 137400/99; Propriedade: Nova Terra, Empresa Editorial, Lda.; Gerência: Francisco José Tito Espinheira, Joaquim Daniel Vieira Loureiro e Maria Teresa Alves Vieira Novo; Capital Social: 100.000 euros - Seminário Maior de Cristo Rei (95%) e Patriarcado de Lisboa (5%); NIPC: 500881626; Editor: Nova Terra, Empresa Editorial, Lda.; Tiragem: 5300 exemplares; Diretor: P. Nuno Rosário Fernandes (p.nunorfernandes@patriarcado-lisboa.pt); Site: www.vozdaverdade.org; Redação: Diogo Paiva Brandão (diogopb@patriarcado-lisboa.pt), Filipe Teixeira (filipeteixeira@patriarcado-lisboa.pt); Colaboradores regulares: Aura Miguel, P. Vítor Gonçalves; Fotografia: Arlindo Homem, Filipe Amorim, Luís Moreira; Opinião: António Bagão Félix, A. Pereira Caldas, Guilherme d'Oliveira Martins, Isilda Pegado, José Luís Nunes Martins, P. Alexandre Palma, P. Duarte da Cunha, P. Gonçalo Portocarrero de Almada, P. Manuel Barbosa, P. Nuno Amador, Pedro Vaz Pato; Colaboração: Cáritas Diocesana de Lisboa, Departamento de Liturgia, Fundação Ajuda à Igreja que Sofre, FEC - Fundação Fé e Cooperação, Setor de Animação Vocacional, Setor da Pastoral Familiar, Serviço da Juventude, Comissão Justiça e Paz dos Religiosos; Design Gráfico e Paginação: Divide by Two, Lda - www.dividebytwo.pt | office@dividebytwo.pt; Pré-impressão e impressão: Empresa do Diário do Minho, Lda. - Rua de São Brás, 1, Gualtar, 4710-073 Braga - comercial@diariodominho.pt - Tel: 253303170; Distribuição: Urgentissimo Transportes, Lda. (Enviália) - Rua Luís Vaz Camões, s/n, Zona Industrial Arenas, 2560-684 Torres Vedras - Tel: 261323474; Sede do Editor e Sede da Redação: Mosteiro de São Vicente de Fora - Campo de Santa Clara 1100-472 Lisboa - vozverdade@patriarcado-lisboa.pt; Serviços Administrativos: Sara Nunes, de 2ª a 6ª-feira, das 9h00 às 16h00, Tel: 218810556, Fax: 218810555, saranunes@patriarcado-lisboa.pt.



Voz da Verdade

ASSINE JÁ!

Faça a sua assinatura e receba o jornal, em sua casa, durante um ano.

Faça hoje mesmo a sua assinatura, escolhendo uma das seguintes opções:



218 810 556

2ª a 6ª feira, entre as 9h00 e as 16h00



saranunes@patriarcado-lisboa.pt

Envie um email com os seus dados



Preencha, destaque e envie o cupão

Complete a assinatura fazendo o pagamento através do NIB 001800003724403600184, cheque ou vale postal, à ordem de Nova Terra, Empresa Editorial, Lda. O envio do comprovativo ou do meio de pagamento deverá ser feito para Nova Terra Empresa Editorial, Lda. Mosteiro de São Vicente Fora - Campo de Santa Clara - 1100-472 Lisboa; fax: 218 810 555; email: saranunes@patriarcado-lisboa.pt

Nome _____

Morada _____

Código postal _____ - _____ Telefone _____

Email _____ NIF _____ N.º Assinante _____

Assinatura anual: Individual (20 €) Benfeitor (25 €) Benemérito (30 €)